NATAL 1946

Foto: António D. G. Oliveira

COMO NO TEMPO EM QUE NOSSO SENHOR ANDAVA PELO MUNDO

Obra das Mães pela Educação Nacional

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 46134 — Directora e Editora: Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada-Lisboa

Boas festas!

Dizem que o Menino Jesus, ao passar pelas chaminés na noite de Natal, deixa um bocado de carvão no sapato daqueles que mais não merecem...

Espero bem que não encontres no teu sapato tão negro *presente!*

Deus nunca se deixa vencer em generosidade.

Se puzeres em sapatos alheios, com a intenção de dar prazer, presentes carinhosos, podes estar certa que ainda que o teu sapato fique vazio, não te faltará alegria!

Não receberás carvão, *descansa! Na tua alma abrirão rosas e cairão sobre ti estrelas do céu.*

Boas festas!

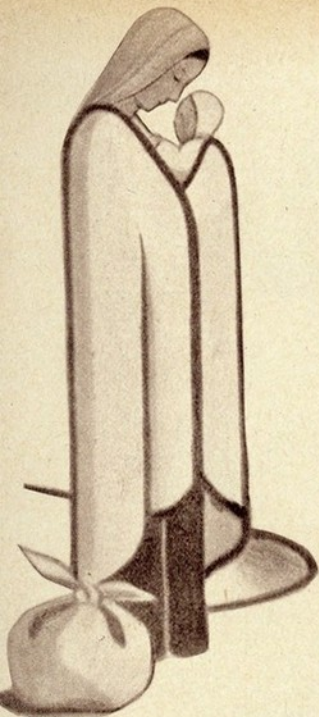
Se as queres passar boas, *prepara-as boas para os outros.*

SUMARIO

Assinatura ao Ano 12$00 ★ Avulso 1$00

N.º 92

DEZEMBRO

1946

NOSSA SENHORA DO CAMINHO

VEIO a Senhora... E foi-se a Senhora...
Senhora Peregrina...
Foi a graça final do ano centenário. Depois de trezentos anos de Padroado — (e não foi Ela sempre a Madrinha e a Padroeira ao longo dos oitocentos anos da vida nacional?...) ainda foi Ela a dar, a abençoar.

Viagem de Milagre, a peregrinação da Senhora de Fátima por terras de trinta concelhos, acompanhada de todos os portugueses que A seguiram por aí fora, atrás d'Ela, pelos caminhos por onde seguia a Virgem Senhora, aos ombros dos homens bons de cada terra a disputarem-se a honra de A trazerem ao colo.

Nossa Senhora do Caminho...
...dos caminhos das nossas vidas e das nossas almas, em primeiro lugar. Nem por outro motivo sai Ela do Seu Trono; — somos nós que a chamamos com os gritos e apelos das nossas dores e dos nossos pecados e das nossas misérias.

Desde aquele dia em que Ela disse SIM — e se comprometeu com Ela e connosco, logo ficou **Senhora do Caminho** e **Senhora dos Caminhos**.

. . .

«Eu sou o **Caminho...»**
A quem Ela procura nesta faina de andar, e andar sempre, sem parar, é a Ele, nas nossas almas.

E porque cada alma tem os seus caminhos e nos perdemos d'Ele, lá anda a Senhora a encontrar-nos e a fazer-nos encontrada com Ele: o **«Caminho»** da Vida e da Verdade.

Esta *faina,* esta *tarefa,* da Senhora — da **Senhora Peregrina**, Peregrina dos santuários das consciências e das almas e dos corações de todos os homens!...

Peregrina da *minha* consciência...
Peregrina da *minha* alma...
Peregrina do *meu* coração...

Peregrina de Milagre, como Ela chega e reza! — como Ela fala e insiste! — como Ela cumpre sua promessa!... como Ela parte, depois, contente ou não...

. . .

Senhora Peregrina!...
atrevo-me a perguntar-Vos se ficastes contente de mim, desta vez, se me deixaste no Bom Caminho... Viagem de todos os dias...
Eu sei, Senhora Minha, eu sei...

«Santa Maria, Mãe de Deus, rogai
por nós, pecadores, agora...
e na hora da nossa morte...»

«Agora» é... **sempre!**
Amassados no limo da terra, feitos de terra e sangue, Senhora Nossa, está sempre connosco este pendor para baixo — para lhe fugirmos, para nos escaparmos do *«Caminho»*.

. . .

. . . .

Senhora! Senhora!
Outra vez voltais Peregrina por este divino atalho do Santo Natal...
Ainda bem que Vos não cansais de voltar sempre e sempre. Ainda bem.
Natal do «Caminho» — do único Caminho de Vida e de Salvação.
...E por onde andarei eu?!
Antes de chegardes, Senhora, dai um jeito a ver se me encontrais...
Gostaria de ser eu, desta feita, o santuário...
Cumpri vossa promessa na minha *capela* — deixai a vossa «Esmola» divina: — Ele! — na caixa da minha alma.
Capela... e Caixa...

. . .

Ora, vá! Vá, Minha Senhora e Mãe: seja Belem desta vez, a minha alma, e creche, o meu coração.

Senhora do Caminho — encaminhai-vos para esta bandas onde mora a minha alma que vos necessita e vos espera e vos suplica. E não partireis sem festa rija de Natal, Mãe Peregrina.

Vai ser festa de Vos fazer chorar de alegria.
Todos os *caminhos* aplanados — todas as almas de portas abertas, luzes e achegas de lareira, caldinho a ferver na mesa, coberta de toalha branca, alvíssima de castidade.
E São José contente...
E Vós, Divina Maria, contente...
E Jesus, o **«Caminho»**, contente...
E os *caminhos* das almas, da minha alma, floridos; e os anjos a cantarem e os pastores a dançarem...

Senhora do Caminho...
Senhora do Natal!

G. A.

PLANTAS ORNAMENTAIS DO NATAL

DESDE o primeiro Natal em que foi publicado o nosso Boletim temos falado do presépio e aconselhado às filiadas a armarem-no no seu lar, como manifestação da sua *fé* e do seu amor pelo Deus Menino.

Nomes ilustres de escritores portugueses teem honrado o nosso Boletim escrevendo sobre o presépio, sob variados aspectos: religioso, artístico, folcolórico e familiar.

Parece, pois, que tudo já está dito. Mas nunca é demais insistir sobre certas coisas, sobretudo quando elas teem a importância desta e se torna necessário substituir costumes estrangeiros por tradições portuguesas.

Durante anos o costume da árvore de Natal prejudicou o culto do presépio nos lares.

O presépio caiu em desuso. Só em raras famílias, onde permaneciam mais arreigados antigos costumes cristãos, o Menino Jesus era ainda entronizado pelo Natal.

Ultimamente, a venda de presépios aumentou dum modo extraordinário. Mas em quantos lares falta ainda o Menino deitado sobre as palhinhas duma humilde mangedoura?!

Um Menino que se rodeia de flores e se beija com devoção e ternura?

Por isso não é inoportuno lembrar que a mais bela *forma* de festejar a Natividade de Cristo é armar o presépio no nosso lar, com aquele amor com que se prepara um berço e aquela ansiedade com que se espera um Menino...

E depois, celebrar o mistério do Natal em volta do presépio, levando ao Menino, ali, em cada dia, como os pastores, o nosso coração.

Não queremos com isto condenar em absoluto a árvore de Natal.

Tendo o presépio o primeiro lugar na nossa casa, não é mal nenhum pendurar brinquedos ou outros presentes nos ramos verdes dum pinheiro; desde que este fique reduzido à condição de simples enfeite e *suporte* de objectos, será apenas mais um enfeite a ornamentar a nossa casa.

E' natural que o pinheiro tenha sido a árvore escolhida para o Natal, porque está sempre verde e as suas agulhas são resistentes, mesmo depois da árvore cortada.

Mas o *culto* do pinheiro, com prejuizo do presépio, tem de ser repudiado e combatido. Temos de fugir ao erro dos países protestantes, especialmente a Alemanha e a Inglaterra, onde a árvore de Natal usurpou o lugar do presépio.

Nestes dois países, o pinheiro tornou-se verdadeiramente o *símbolo* do Natal, e é isto que é preciso evitar entre nós.

O símbolo do Natal não é a *árvore:* é o *presépio.*

Porisso é este que deve ter o lugar de honra na nossa casa, este que deve reunir a família à sua roda, para este que devem convergir todas as atenções.

De resto, existem outras plantas ornamentais que podemos utilizar pelo Natal, por exemplo a jarbadeira e o azevinho, tão bonitas com a sua verdura brilhante, salpicada de bagas vermelhas.

Em alguns países usam tambem o zimbro, que em Portugal só se encontra na Serra da Estrela; o espinheiro, que na nossa terra só floresce mais tarde; as rosas de Jericó, conhecidas por «rosas do Natal»; e o agarico, que se pendura nas portas e candeeiros e tem o previlégio de permitir beijar no dia de Natal quem se encontre debaixo dele.

Nós, à falta de outras plantas, temos de nos contentar com o azevinho e a jarbadeira, esta mais popular por nascer no campo e ser abundante em algumas regiões do país, e com a urze de flores miudinhas e delicadas, a pimenteira de cachos rosados, etc.

Se soubermos tirar proveito destas plantas, enfeitando com elas a nossa casa, ela tomará um ar alegre e festivo que dispensará perfeitamente o pinheiro.

E há tantos meios de as empregar! Não só em jarras, mas em raminhos sobre a mesa de jantar, em grinaldas pelas paredes, etc.

NATAL NA TORRE

(Quadro de Samuel de Vriendt)

DO alto duma torre o Menino Jesus espreita...

Que vê Ele?

Casas de luzes apagadas onde todos dormem, esquecidos de que é Natal! «Veio para o que era seu, e os seus não O receberam».

Casas de janelas iluminadas onde se festeja mundanamente o Seu nascimento... mas Ele, o Menino, não foi convidado!

Que vê Jesus pela abertura daquela torre?

Nações agitadas sobre os quais paira o espectro de guerra, porque não querem que sobre elas reine Aquele que vem em nome do Senhor: o Príncipe da Paz!

Corações cheios de ódio que não aceitam a sua mensagem divina: «Amai-vos uns aos outros...»

Corações apegados às coisas terrenas que não compreendem as «Bemaventuranças» que Ele, com o seu exemplo, nos veio ensinar.

Corações orgulhosos que regeitam a salvação que Ele lhes traz na Sua misericórdia.

Que vê o Menino do alto daquela Torre?

Homens que se esqueceram da sua dignidade de filhos de Deus...

Homens que se perdem nas trevas, porque amam as trevas mais do que a Luz!

...E o Menino Jesus chora pelos pecadores por quem há-de morrer um dia...

. . . .

Mas nem tudo é triste.

E o Menino vê também crianças que a dormir sorriem, sonhando com Ele...

Raparigas para quem Ele é a pureza e a alegria da sua juventude e que O esperam de coração aberto...

Ricos que O afagam nos pobrezinhos...

Pobres que bendizem a sua miséria, porque pobrezinho é Ele também...

Tristes que se alegram na sua solidão porque um Menino lhes foi dado...

Pecadores que se levantam porque Ele lhes estende a mão...

...E o Menino Jesus sorri!

. . . .

Do alto da torre, que verá Ele na nossa casa?

Que verá Ele no nosso coração?

Será a nossa casa um lar cristão onde o Menino tenha o seu lugar num presépio preparado com carinho para O reclinar?

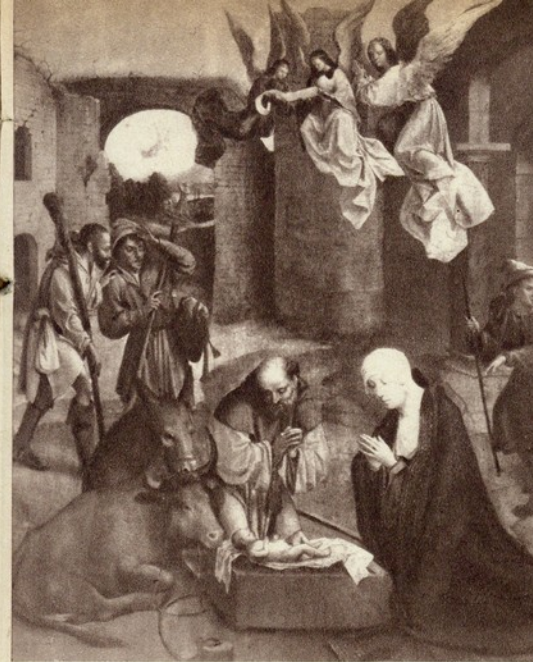
E estará o nosso coração também pronto para O receber?

Bem limpinho — na graça de Deus — e ornado com aquelas flores que o Menino ama, porque são as que crescem nos jardins do Paraizo: a caridade, a humildade, a doçura, a verdade?

COCCINELLE

A ANUNCIAÇÃO
(presumível de Gaspar Vaz e Vasco Fernandes, na igreja do Mosteiro de S. João de Tarouca)

A VISITAÇÃO
(do Mestre de S. Francisco, de Lisboa (?), no Museu de Arte Antiga, de Lisboa)

NATAL DE JESUS
(de Frei Carlos do Espinheiro, no Museu Regional de Évora)

BELÉM
(dos Mestres de S. Francisco, de Évora)

A ADORAÇÃO DOS MAGOS
(presumível de Gaspar Vaz e Vasco Fernandes, na igreja do Mosteiro de S. João de Tarouca)

A CIRCUNCISÃO
(de Vasco Fernandes, no Museu Regional de Lamego)

A MISTICA DO NATAL NOS PINTORES QUINHENTISTAS

por J. da Costa Lima

IDES julgar, pelas reproduções estampadas e pelas tábuas de nossos artistas do pincel de Quinhentos que eles foram criadores da espiritualidade dos seus temas, e, em Portugal, traduzidos com «precisão, verdade, côr forte e plenitude» das mais belas manifestações de Van Eyck. E, com Henrique Ghéon, notai, para ufania nossa, que as escolas primitivas de pintura, do Norte, nunca puderam exprimir nem sequer conheceram a unção exclusiva da suavidade e encanto de doçura, não só caracteristica do temperamento lusiada, mas fruto de seiva espiritual de livro célebre, cujas páginas alimentaram a piedade de uma Clarista, para quem foram dedicadamente escritas, em italiano, pelo seu director Frei João das Couves ou Joannes de Caulibus, como assevera frei Bartolomeu de Pisa. Frei João deve ter escrito as suas «Meditações da Vida de Cristo» entre 1385 e 1390. Correram mundo, traduzidas em várias linguas, predominando a francesa, sendo a mais antiga a de Jean Galopes ou Galoys, capelão de Henrique V, de Inglaterra, conhecida pelo titulo Le Livre doré des méditations de la vie de Notre Seigneur Jésus Christ selon Bonneaventure. A atribuida paternidade de S. Boaventura, pelo modo eminentemente afectivo do seu estilo, está definitivamente negada pela critica histórica.

Os fiéis apreciaram as «Meditações» do grande orador e devoto frei João, de S. Geminiano, na Toscana. Às gestos autênticas de Cristo, colhidas nas narrações históricas do Evangelho, êle acrescentou representações imaginárias, com pormenores verosimeis da Vida de Jesus e da sua Imaculada Mãe, mas não documentadas. À falta de informações minuciosas, frei João supriu-as com a sua imaginação ardente, intercalando divagações piedosas, particularidades pueris, ao sabor da psicologia feminina, advertindo à sua dirigida franciscaua que o fêz, para mais impressionar.

E' artista a escrever, bem sienês, pintor de quadros literários que aos fresquistas dos séculos XIV e XV forneneceram matéria para encher os muros de fantasia, lenda e côr. Se êle conhecia a pintura de Colle e Poggi Bonzi, é tributário da iconografia medieval, ainda é mais fonte da iconografia inspirada por êle. A arte da Idade Média, literária e plástica, foi infuenciada pelas suas «Meditações» criadoras que, pelo pitoresco, piedade franciscana e dramático, motivaram originalidades nas representações scenográficas dos «Mistérios», antes mantidas pela lição da «Lenda dourada», do dominicano frei Tiago de Varagine, nascido por 1230 e falecido bisbo de Génova, em 1298.

João de Caulibus, com as suas descrições cheias de delicadeza, de ternura, de patético, podia comover até às lágrimas a alma seráfica de uma clarista. Invadiu a arte, e, històricamente, é certo que, desde o comêço do século XIV, directa ou indirectamente, as suas «Meditações da Vida de Cristo», entraram na escultura e na pintura. A afirmação é unânime na História critica de Arte.

Na espiritualidade Cristocêntrica de frei João, a Mãe de Deus entra com a beleza dos seus mistérios, pois Maria anda intimamente ligada a Jesus, na sua missão de Corredentora. Vejamos como os artistas realizaram o pensamento de frei João nos Mistérios gozosos do Natal.

*

A primeira manifestação iconográfica, nascida das «Meditações» do pseudo-Boaventura, verifica-se na Incarnação do Verbo.

Frei João foi quem primeiro apresentou, em atitudes novas, as personagens da «Anunciação», pondo o Arcanjo Gabriel, genuflectivo diante da Senhora, em oração, também ajoelhada, no quarto do seu tálamo, scena com sumptuária de interior, mais rica ou mais pobre, reproduzida pelos nossos pintores quinhentistas, influenciados ou por imagem de xilogravura, desenho ou iluminura de livros de horas, ou pela leitura do mistério narrado pelo frade de S. Geminiano. A «Anunciação» de S. João de Tarouca, presumivel de Gaspar Vaz e Vasco Fernandes, a do «Livro de Horas», de D. Manuel I, versão da xilogravura da «Lenda dourada», a de Grão Vasco, do Paço Episcopal de Viseu, a do poliptico de Lamego, do mesmo Vasco Fernandes, a do retábulo de Viseu, a de Alpiarça, dos Mestres de S. Francisco de Evora, a de Frei Carlos, do Espinheiro, a do retábulo da Madre de Deus, e tantas outras são versões maravilhosas da meditação do frade toscano.

Para a representação da visita da Mãe de Deus à sua prima Santa Isabel, além do facto histórico documentadamente exposto no Evangelho, de Caulibus forneceu circunstâncias de figuras e de carinho que o Mestre de S. Francisco, de Lisboa (?), aproveitou parecendo ter lido ou ouvido a meditação desta passagem do contemplativo artista. Conta como a Virgem partiu sem companhia de honras, sem cavalgada, sem côrte de donzelas, sem barões, indo com a pobreza, a humildade, a verecúndia e a honestidade de toda a virtude, notando como as duas primas se abraçaram ternissimamente.

Neste tema, tratado pelo Mestre de S. Francisco, temos precisamente personificadas as três primeiras virtudes nos simbolos das figuras femininas, estando no primeiro plano a Castidade, seguida da Pobreza e da Humildade, definidas no latim dos nimbos.

Com mais ou menos variantes, versam o mesmo tema, Vasco Fernandes, o Mestre de Abrantes, o do Paraiso e outros.

Na encenação de Belém, pertence a frei João das Couves a prioridade de imaginar o Natal de Cristo em casa aberta, aos ventos, à meia-noite de um Domingo, havido o nascimento, não em leito, como iluminuras e baixos relevos medievais representaram, mas sobre palha, deposta por S. José, ante a Mãe de Deus, como pintaram os Mestres de Ferreirim. E diz o pseudo-Boaventura que a Virgem-Mãe teve o seu Unigénito depois de se ter apoiado a uma coluna do local, circunstância arquitectónica nmnca omitida por Rogier Van der Weyden, Hugo Van der Goes, Memling, e mestres alemães, com Frederico Herlin. Nas atitudes das figuras introduziu modificações, aproveitadas pelos pintores da Flandres e nossos de Quinhentos. De Caulibus descreveu Santa Maria ajoelhada a adorar seu Filho recém-nascido, pôs, do mesmo modo, S. José, e com nota de maravilhoso pitoresco, fêz ajoelhar o boi e o burro, de focinhos sôbre o presépio para aquecer o divino Infante com o «bafo das narinas, por ser tempo de tanto frio, e Ele precisar de aquecimento». E' a versão do Natal de Frei Carlas.

Anjos, pastores e, depois, os Magos vindo com longo cortejo, viu-os igualmente ajoelhados diante do Menino-Deus.

De 1380 a 1450, a representação da Natividade de Cristo tem acentuada liberdade de figurações com os pastores e os seus tons. E, se aos «livros de horas» devem os pintores quinhentistas as faustosas indumentárias e riqueza dos reis medos, e aos «Mistérios», como o de Ruão, se liga a particularidade de S. José com a vela na mão, no presépio, por de noite se passar o Natal do Homem-Deus, e não por aqui ser a vela simbolo da fé, imaginação pintada pelos Mestres de S. Francisco, de Evora, a frei João está ligada a iconografia dos mesmos Magos, pois das suas «Meditações» nasceu. Conta como vieram ao tugúrio de Belém, com numerosa e honorifica multidão, que genuflectiu e adorou. Ouviu falar os reis medos com Maria, e tendo estendido um tapete, sôbre êle ofereceram os três presentes, em grande quantidade, principalmente de oiro. Na descrição do quadro, não falta a devoção do beijo dos Magos aos pés do Menino Jesus, que os abençoou. Isto, em resumo, sem aduzir o latim que andou pelos claustros e sabia soldadinho da India!...

E' variada a transcrição picturial dos factos betlemiticos evangélicos, fantasiamente acrescentados pelo autor das «Meditações», fonte além do Evangelho onde beberam os pintores quinhentistas, até para serem poetas com a narrativa dos seus pincéis.

Com a tal coluna, Grão Vasco e os Mestres de S. João de Tarouca pintaram Belém na adoração dos Magos. O Mestre de S. Francisco, de Lisboa (?) realizou a scena do cortejo real dos Magos, e não desmerece do motivo fundamental a tábua do Mestre de Santos-o-Novo, com o séquito, nos últimos planos, e a do Mestre de Torres que o meteu dentro do Presépio.

Modalidade com original pitoresco é a adoração dos Anjos, do Mestre de Abrantes, com a poesia dos músicos e cantores e dois espiritos celestiais que aquecem os paninhos do Menino ao popular fogareiro de barro da nossa terra.

Mas antes da Adoração dos Reis, frei João conta como Jesus foi circuncidado, na data legalmente estabelecida.

(Continua na pág. 16)

BALANÇO DO FIM DO ANO

Estamos em Dezembro, mês do Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Fim de ano!

Em toda a parte se faz o balanço geral aonde se revê todo o trabalho do ano inteiro; e fechadas as contas, as casas bem geridas e bem administradas dividem os lucros e reservam um saldo para o ano seguinte.

E nós? — Teremos nós, na casa da nossa alma, do nosso entendimento e do nosso coração, lucros positivos?

Quando ao aproximarmo-nos deste fim de ano fizermos o balanço geral das nossas acções e do nosso procedimento, apresentaremos nós para o ano vindouro, como reserva, um saldo positivo que corresponda aquilo que Deus, o próximo e nós próprias temos obrigação e direito de exigir?

. . .

Não inculpamos os homens, por que aqui não vem a propósito, visto que é às raparigas que estas linhas se dedicam, e porque elas aliaz, mais fracas e mais versateis que os rapazes, estão, de uma forma geral, mais desmoralisadas.

Pedimos desculpa e contra nós falamos, mas é verdade que as raparigas de hoje oferecem menos solidez e menos garantias que os rapazes.

Há 60 anos atrás passava-se exactamente o contrário.

A mulher era virtuosa, paciente e digna. Tinha por si a opinião pública e o *homem* respeitava-a. De então para cá a mulher tem vindo a decair e à força de usurpar o lugar do homem adquiriu-lhe os defeitos sem lograr adquirir-lhe as fortes virtudes próprias.

. . .

Uma das coisas mais tristes que caracterisa as modernas gerações é um sentimento de semi-inconsciência e uma total irresponsabilidade. «Il faut que jeunesse se passe», dizem os franceses. Verdores dos anos, diriam nossos Avós. Mas o pior é que esses verdores ameaçam prolongar-se indefinidamente, como fruta que se conserva verde até murchar ou apodrecer, sem nunca alcançar a maturação.

Estas *eternas crianças* que *voluntàriamente* se conservam na *infância* embora muitas vezes sejam casadas e mães de filhos, estas mulheres bonitas, leves e futeis como uma projecção de cinema, inuteis, inconsequentes, dispendiosas e egoistas, espantam a humanidade *normal* como uma deformação daquilo que foi criado para ser bom, belo, digno e forte e que moralmente saiu um aleijão.

Não é demais dizermos que é à sua incapacidade, irresponsabilidade e egoismo que se devem grande parte dos males e dos erros da nossa época.

A vida é um dever, não é um sonho.

Encaremo-la portanto a direito e vejamo-la tal como é em verdade, com suas lutas, suas canseiras, seus amargores e suas grandes alegrias.

Olhando pois para o passado com perfeita consciência, tenhamos a coragem de dar o *balanço geral* à nossa vida, às nossas palavras, aos nossos actos. Os nossos actos!... As nossas acções seguem-nos e dão-nos melhor a conhecer que todas as nossas palavras, protestos e teorias. Falam por nós assim como as nossas obras, boas ou más. — Tanto bem e tanto mal pode na sociedade o nosso exemplo!

Rapariga de hoje, mulher de amanhã... pilar da familia e portanto, da nação. E' ela que chamamos para que acorde e viva e se melhore para que o mundo melhore com ela.

E' ela que chamamos e a quem desejamos um *saldo positivo* que sempre aumente progressivamente de ano para ano.

Rapariga... mulher... *Mãe!*

MARIA BENEDITA

Iluminura do missal de Estevão Gonçalves

NATAL

O' belíssima flor do campo, como nasceis engraçada entre toscas pedras e pobre feno!

Oh amor! as tuas palhinhas no presépio. Oh amor! as tuas faxas e paninhos pobres. Oh amor!

Vejo a Maria como aurora, declinando para vós seus olhos como estrelas. Dormi, meu belo infante, que a aurora traz consigo mais doce sono e as estrelas ao cairem o persuadem.

Sabeis de quem são estas palavras? Não as escreveu coração feminino enlevado num sonho de amor maternal e religioso. Borbotaram da alma dum dos maiores escritores da nossa terra, o P. Manuel Bernardes. Elas trazem o sabor da velha língua portuguesa e comunicam-nos, sobretudo, o profundo sentimento de piedade dum grande de Portugal diante do mistério do Natal de Jesus. No sossegado e requintado gôsto literário do grande século da prosa lusitana, exprimem a viva e inquieta comoção duma alma contemplativa ajoelhada no presépio. Servirão porventura de tema fecundo para a nossa meditação do Natal, este ano?

Jesus é ainda hoje, e será sempre, belíssima flor do campo. A sabedoria divina criou o mundo como a brincar com os dedos da sua omnipotência, nem esqueceu na feitura do universo um local a seu próprio recreio destinado. O delicioso recreio de Deus, segundo as palavras da Escritura, é a terra e a convivência connosco. A terra é o recreio de Deus porque é a pátria de Jesus. Tirou-a do nada para que um dia se abrisse e germinasse o Salvador. Entre tantas sementes que a mão divina espalhou sobre a terra só a da «belíssima flor do campo» colheu no próprio seio. Como não nasceria engraçado entre toscas pedras e pobre feno? Encanto do próprio olhar divino, encanto deve ser de nosso olhar. E' vê-la à luz da fé. O mistério da sua vinda, do desabrochar desta flor é o mistério da bondade e da justiça de Deus. Nasceu para nós como realização dum desígnio de caridade infinita. Entre pedras e pobre feno, porque a realização dum desígnio de amor implicava e exigia a renúncia, a humildade, a pobreza e o sofrimento. Gostamos tanto do Natal! Mas, lembrar-nos-emos que o nascimento de Jesus em nós reclama a humildade, a singeleza, a candura? Que dita não tiveram toscas pedras e pobre feno!

E tudo, tudo que no presépio vemos é um poema de amor. Por isso, Bernardes ao contemplar as palhinhas, as faxas e os paninhos pobres, como quem recita versos duma ternura infinita, exclama num refrão extasiado: oh amor! oh amor! Esta palavra amor é a verdadeira e única legenda do quadro vivo do Nascimento. O amor infinito aproveitou a ofensa dos homens para se revelar comovidamente na graça duma criança recemnascida. Revelação tão radiosa que a luz do presépio na noite de Natal incendiou todo o mundo de novas claridades. Começou por iluminar a Mulher, ali presente na sua sublimidade de Virgem-Mãe, para assim fazer do lar um templo em que a mulher adora e serve e se dignifica. Nenhuma pretensão feminina pode rastrear a grandeza da Mãe de Deus. Toda a história futura da reabilitação da mulher está ali naquela mãe, no primeiro beijo que dá ao seu filho e ao seu Deus. Qualquer anseio feminino que não seja, de algum modo, no reflexo da luz do presépio, louvor de Deus e dedicação familiar não é digno da mulher porque não é da Virgem-Mãe. Mas, no lar e com Jesus menino, a mulher, com Maria, salva o mundo. Quem pudera repetir com Bernardes na presença dos lares cristãos o refrão extasiado do amor!

Só pode consolar Jesus na densa noite de Natal, entre a pobreza extrema e o total abandono, aquele olhar de Mãe, aurora em que fulgura, vivo como a estrela da manhã, o amor ardente do seu Imaculado Coração. E' nesse olhar de amor que o Menino Jesus se embala e adormece. Se nossos olhos declinassem para o Presépio na noite de Natal e pudessem conciliar o sono sossegado do Menino, que bênção não seria! No perene Natal de Jesus, perene e densa a noite continua, mais densa ainda e tenebrosa que a noite de Belem e da Judeia. Fulgurem nossos olhos como estrelas dum renovado amor a Deus Menino, constelemos a noite de Natal. Jesus espera a luz do nosso olhar para melhor iluminar os homens transviados na noite do mundo.

ANTÓNIO PEREIRA DIAS DE MAGALHÃES

NÃO HÁ SÁBADO SEM SOL

É crença popular, que por mais feio que esteja o tempo, ao sábado brilha sempre ao menos um raio de sol (com excepção de sete sábados por ano, em lembrança das sete dores de Maria).

A lenda explica assim: Nossa Senhora, que era muito pobrezinha, todos os sábados lavava a roupa do seu Menino para ao domingo O levar com ela ao Templo muito arranjadinho, e o Eterno Pai nunca faltava com o sol...

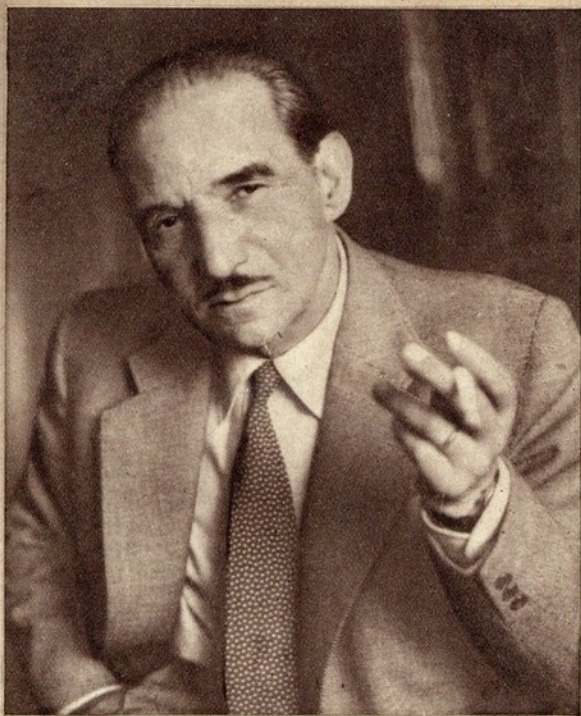
Enquanto Maria estendia a roupa, o Menino Jesus esperava sentado no chão pela sua camisinha, e a brincar ia fazendo uma cruz com dois pausinhos...

Em honra da Mãe de Jesus, ainda hoje não há sábado sem sol, para que outras mães, pobrezinhas como Ela, possam levar ao domingo à Igreja os seus filhos, muito lavadinhos...

AVÉ MARIA!

NA noite de Natal, Nossa Senhora percorre o mundo com o Menino Jesus nos braços. Abrindo caminho à sua frente, um Anjo anuncia a passagem de Maria e do seu Divino Filho. E a campainha que ele alegremente agita faz retinir nas florestas, nos campos e nas serras, a boa nova trazida pelos Anjos há 1946 anos: «Eis que vos anuncio uma grande alegria! Nasceu o Salvador, Filho da Virgem Maria!»

E a floresta acorda, a cantar no murmúrio das suas ramagens: Avé Maria!

Mas a Virgem foge da floresta, apertando mais o seu Menino ao coração, porque entre o cântico das árvores lhe parece ouvir um gemido... como se a floresta ainda chorasse porque nos braços de uma árvore foi crucificado o Filho de Maria!

O MILAGRE DA SERRA

«Era uma vez uma alta Serra apartada, erguendo para o céu benigno, na ascese suplice dos penhascos, o coração atormentado da terra portuguesa».

Abre com estas palavras o livro de João Correia d'Oliveira.

A alta Serra a que o autor se refere, não é a de maior altitude de Portugal, mas cresceu tanto em graça ao descer sobre ela a Virgem Nossa Senhora, que outra mais alta não existe, hoje, na nossa terra!

E mais lindo milagre do que o dessa Serra, também o não reza a nossa História!

Num Mistério em 3 actos e 8 quadros, João Correia d'Oliveira conta-nos «O Milagre da Serra», da *Serra que reza*, das *pedras que sonham*... E dá-nos, depois, a visão maravilhosa do céu que se abre e da Senhora que desce na Cova da Iria... E a oblação dos três pequeninos pastores, a oferecerem-se como cordeirinhos no altar da Serra...

> *«Plena Serra de Aire.*
> *Tarde alta de maio».*

Em cada quadro o autor faz a «composição do lugar», criando ambiente para a sua beleza sobrenatural, e acompanha o texto de notas que não são, talvez, a parte menos bela do livro.

Pinceladas que pintam cenários; palavras que nos descobrem o próprio segrêdo das almas.

E os episódios desenrolam-se, num estudo cuidadoso e bem observado dos personagens, sem desprezar também a imaginação e a poesia, num trabalho delicado que dá interesse e encanto ao enrêdo.

Sem dúvida, «O Milagre da Serra» é uma obra literária; mas a literatura, se enriquece a realidade (como se torna necessário para o palco), deixa-a intimamente intacta; e as cenas, se não são quadros exactos das aparições, são alegorias que respeitam o essencial.

História maravilhosa — maravilha é tudo em Fátima! — nela perpassam asas de Anjos e aparece ressumbrando luz Nossa Senhora...

História romantizada, nem por isso é falsa! Não é uma mentira a voz de Portugal, atormentado de dores e inquieto pelo futuro, clamando por Aquela que sempre lhe acudiu!

Nem tão pouco é mentira a promessa da Senhora: — *«Het-de valer-lhes!»*

— *«A Serra é tão pertinho!»*, murmura Maria.

— *«Um vôo de asa, não mais»*, diz o Anjo.

E Nossa Senhora desce sobre a Serra, trazendo o *«segrêdo do resgate, que o mundo saberá pela boca dos três meninos ungidos do seu divino amor».*

Desce sobre a carrasqueira pequenina, que se transforma num altar de luz... E a Senhora, que é Luz também, ilumina tudo à sua roda...

— *«Quim é vomecê? Mas... Vomecê quim é?... Diga! Diga! Donde é?!...»*

— *«Do céu...*

E o pano do 1.º acto cai sobre este «diálogo entre o humano e o sobre-humano», à hora em que a Serra vive «a clara e dura pastoral do seu claro e áspero dia de sol».

Apesar da Senhora ser do céu e do céu prometer aos três pastorinhos, para estes começa na terra a sua paixão, com o Aparecimento da Senhora...

Mas a ignorância e a maldade dos homens não conseguem que vençam as trevas: e o milagre da luz, o milagre da esperança, o milagre do perdão e do amor, — *O Milagre da Serra!* — torna-se a glória de Portugal.

E hoje, à Cova da Iria — como diz no livro o Francisco: *«Corre mais gente que todos los rebanhos da Serra toda!»*

Lúcia: — *«É o rebanho das almas tresmalhadas!...».*

Francisco: — *«Descem do alto, a cantar, cuma se trôxessem passarinhos dentro dos peitos...»*

Jacinta: — *«É que viram o céu...»*

Lúcia: — *É q'atoparam, de novo, a sua Pastora...»*

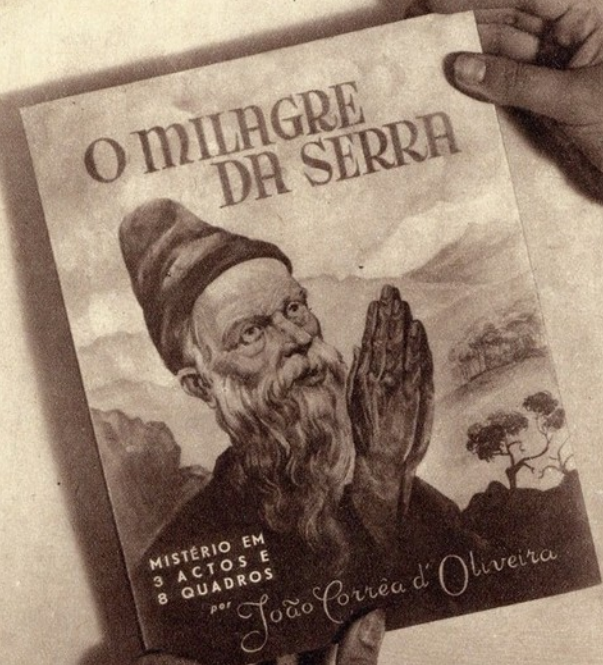
. . . .

«Devina Pastora de todos nós! O' Senhora do Rosário! O' Mãe bemdita»!

Vela por nós!

E é assim, a rezar com os pastorinhos, que eu termino estas palavras sobre «O Milagre da Serra», visto que o espaço não dá para me alongar mais.

Buscai vós, no próprio livro, o que resta para contar.

Maria Joana Mendes Leal

CAMPANHA DE AMOR A VERDADE

Sagrada Família — Murillo

por Maria Joana Mendes Leal

"O Verbo fez-se carne e veio habitar no meio de nós".

Ele que é "o Rei cuja glória está acima dos reis do mundo inteiro", escolheu para nascer uma família pobre e manteve-se sempre no meio social que a vontade de seu Eterno Pai lhe destinou.

Ali "cresceu e se fortificou, em idade, em graça e em sabedoria diante de Deus e dos homens".

Ali viveu "submisso a José e a Maria".

Podemos imaginar Jesus na verdade do seu meio social, criança que brinca, adolescente que ajuda os pais, homem que trabalha com o suor do seu rosto.

"Não é este o filho do operário?" (Mateus XIII, 55).

"Não é este o carpinteiro?" (Marcos VI, 3).

Assim Jesus, o Filho de Deus, era conhecido na humildade da profissão de Seu Pai adoptivo, que é também a sua.

Mais tarde, escolherá os Seus Apóstolos entre pobres pescadores, como se, chamando-os, quizesse aumentar a sua própria família.

Jesus é sempre o mesmo: em Belém, em Nazaré, no Lago de Tiberiades, na planície de Jenezareth e na cidade de Jerusalém...

"Fez-se pequeno e pobre por nós" — e nunca quiz parecer grande nem rico!

. . . .

E nós?! Tanto gostamos de aparentar mais do que somos!

Quantas pessoas procuram parecer mais do que são, envergonhando-se até dos pais, que como José e Maria, vivem modestamente do seu trabalho!

Quanta mentira! Quanto fingimento!

No modo de vestir, com que se pretende mostrar uma situação superior...

Nas exterioridades mundanas, que não condizem com á vida íntima...

Nas despezas, que não correspondem às receitas...

Tenhamos um santo orgulho em viver na *verdade*, qualquer que seja a nossa situação social.

Lê-se num dos hinos da festa da Sagrada Família que "o sol, que percorre a extensão dos continentes, nunca viu, no andar dos séculos, nada mais belo e mais santo do que o viver na casa de Nazaré".

Mas que há de extraordinário nessa humilde casa?

"Jesus aprende o humilde ofício de José, e ali, na sombra, cresce em idade e mostra-se feliz em partilhar os trabalhos do carpinteiro.

Perto de seu Divino Filho, está sua terna Mãe; perto do esposo está a Esposa dedicada, feliz em poder aliviar as suas penas e as suas fadigas pelos seus cuidados afectuosos".

E' isto o que os Anjos contemplam enlevados: uma família unida e pobre, vivendo na simplicidade e na verdade.

(Foto: António da Cunha Pedro)

VOZES DA NATUREZA

(CONTO)

QUANDO de madrugada o Sol se levantou no horizonte, esfregou os olhos ainda ensonados, estendeu os braços fulgurantes, espreguiçando-se com moleza e quedou-se a olhar para a Terra que sempre, sempre sem descanso esvoaçava à sua volta, como borboletinha airosa e feliz.

— «Bom dia, bom dia, Senhora D. Terra — exclamava o preguiçoso — como és diligente, amiguinha, tão pequena e sempre a redopiar, a bailar pelo espaço sem fim. Quando páras, longínqua vizinha?»

— «Eu, responde a esferazita buliçosa, mostrando ao Sol uma parte do seu fino e simpático rosto, eu nunca descanso, a minha vida é dançar ao som das músicas celestiais que Deus produz; quando eu parar, pobre de mim, serei um corpo morto, serei nada. Mas escuta as vozes da Natureza, as minhas próprias vozes não ouves? Que harmonia!

* * *

Os passarinhos graciosos, com os biquitos ainda escondidos debaixo das asas macias, ergueram a cabeça, descobriram o Sol que os contemplava e, chilreando, começaram a saltitar de raminho em raminho. Corriam alegremente em bando, como frágeis criancitas que brincam entusiasmadas num jardim florido; pousavam aqui rindo descaradamente de um companheiro mais atrazado que ainda dormia, perseguiam ali maldosamente uma libélula fininha e elegante, acolá desciam velozes a surpreender uma lesmazita indefeza e comê-la regaladamente.

O Sol lá do alto, sorrindo sempre, ia enviando um calor suave, uma luz amena côr de rosa, que convidava a passarada a deslisar docemente pela atmosfera.

Eram gratos os passarinhos, queriam atingir, voando com as suas insignificantes asitas, as proximidades do Sol para, juntando vozes maviosas, lhe entoarem hinos de louvor. Cansados, pousaram à beira do riacho que, com as suas águas límpidas e cantantes, pulava gentilmente.

— «Bom dia, bom dia, Senhor Riacho. Podemos molhar os nossos bicos na sua água cristalina? E' tão boa, tão fresquinha!»

E saboreavam, felizes, com os biquitos no ar, aquele líquido divinal, que ia refrescar-lhes as gargantas sequiosas.

O riacho satisfeito, com o seu característico *glu-glu*, continuou serpenteando caprichosamente pelo prado verdejante, que a seu lado se estendia como manto de setim, salpicado de floritas multicores.

Ao chegar à azenha laboriosa, deu uma gargalhadinha sonora e, radiante, aos saltos, foi bordar com a espuma alva e rendilhada a roda diligente, que continuava a árdua tarefa, chiando com mais força no eixo meio gasto pelo tempo.

— «Bom dia, bom dia, Senhora D. Azenha» — exclama o travesso riachito.

— «Bom dia, riachinho amigo — correspondia bondosamente a velha azenha — Não corras tanto, pequenino, cuidado, não saltes tão alto, podes magoar-te na queda».

Mas o riacho, exultando, contou entusiasmado:

— «Tenho muita pressa, vou ter com a minha mãe ribeira, que me espera para com o Senhor Rio me levar até ao mar. E' muito grande não é? Pois se não fosse eu, o mar, essa enormidade cheia de peixes e de beleza, seria muito mais pequeno. Eu sou muito importante, eu dou muita águinha ao mar!»

* * *

Na extensa campina garrida e soalheira, as abelhas doiradas zumbem festivamente, abandonam os cortiços e dirigem-se, tagarelando, para o seu trabalho. Voam de flor em flor, em rodopio, beijam uma papoila vistosa, tecem galanteios aos malmequeres amorosos, segredam à corriola, escondem-se gargalhando no interior dos tristes lírios e continuam, respondendo às mimosas floritas que atenciosamente as cumprimentam:

— Bom dia, belas abelhitas, vinde a mim, vinde sugar o nectar tão doce encerrado no meu seio. Expermentai o meu pólen».

* * *

Na aldeia próxima, empoleirado na parte mais alta da tosca capoeira um galo de plumagem vistosa, toleirão, anuncia pretencioso com o arauto do país dos sonhos:

— «*Có-có-ró-có-có!* chegou o dia, levantai-vos, mandriões, já amanheceu, vamos, acordai!»

E o pegureiro, pequeno ainda, resmungando meio ensonado, pôs o surrão ao ombro, foi buscar o rebanho e começou a caminhada até à serra, esfregando os olhos e assobiando para afugentar a moleza que lhe invadia os membros. A seu lado, Tejo, o cãozito fiel, pulava alegremente, lambia-lhe as mãos e corria, juntando uma ou outra ovelhinha travessa, que se afastava. Uma destas, buliçosa, ao passar por um campo ondulante, amarelado, arrebitou as orelhitas e dispunha-se a começar ali a pastagem, sem reparar nas papoilas interessantes, que zangadas meneavam as cabecitas airosas agitando os chapelinhos vermelhos. As espigas, então, docemente censuraram:

— «Ovelhinha, não venhas para aqui, não nos estragues, nós somos sagradas, damos o pão ao homem, vai-te embora».

O Tejo, sempre vigilante, correu a repreender a desobediente e levou-a para junto das companheiras.

O pastor entretanto continuava a andar no mesmo ramerrão, seguido do numeroso rebanho que lentamente avançava ao som dos próprios chocalhos.

* * *

Pela estrada, de enxada ao ombro, conversando com animação, um grupo de trabalhadores segue para as fazendas.

Mais adiante um vagaroso carro de bois chia e parece querer embalar o moço de aguilhão que, de olhos fechados, escabeceia sonolento.

A poeira do caminho, alvoraçada, baila no ar, poisando aqui e ali e sujando as folhas brilhantes, lavadas pelo orvalho da noite.

No campanário da igrejinha aldeã, interiormente perfumada pelas cândidas açucenas, o sino tambem dá os bons dias à população, aos animais e até à serra fronteira, que recebe sempre impassível o seu som harmonioso. Toca Matinas. Os homens descobrem-se, murmuram qualquer coisa e cumprimentam se:

— «Bom dia rapazes, muitos bons dias nos dê Deus!»

O moço de aguilhão salta do carro com ligeireza, põe o barrete ao ombro, benze-se com a mão calejada, e elevando o pensamento a Deus, ao Criador de todas as belezas do Universo, reza devotamente:

«O Anjo do Senhor anunciou a Maria...»

Celeste Menina Morgado
Vanguardista — Centro n.º 3 — Ala 2 — Estremadura

NOSSA SENHORA DE PORTUGAL

N.S. DO PATROCINIO

Numa colecção de registos antigos, que, com amor, temos andado a organizar, possuímos um do conhecido gravador portuense Santos, que nos parece ter particular actualidade, no centenário, que vai findar-se, da Aclamação da Padroeira. Roupagem duma singeleza invulgar para o gôsto da época; atitude simples, a olhar o Céu, segurando na dextra, com naturalidade, o cetro da realeza; trono de nuvens, em que pousa, bem destacado, o escudo nacional: um conjunto sem arrebiques, que nos diz, com eloquência intuitiva, do império maternal da Padroeira.

Que Ela fizesse desta ocidental nesga peninsular assento peculiarmente querido da sua realeza, não há porque redizê-lo, uma vez que, no dizer do Em.^mo^ Cardeal Patriarca, a História de Portugal não se pode contar sem repetir, a cada página, o doce nome de Maria. E até nos parece estranho que, na intérmina litania de títulos com que a nossa devoção a invoca, na incontável constelação de capelinhas e templos que a fé e piedade dos nossos pais lhe sagrou, não haja ainda, que saibamos, o apelativo de **Nossa Senhora de Portugal.**

De facto, conhecemos, por exemplo, "Nossa Senhora de Africa", como conhecemos "Nossa Senhora de Todo o Mundo", não sabemos duma "Nossa Senhora de Portugal". Queremos, porém, acrescentar que, se no título se achar novidade, no significado real não há novidade alguma; que o ser da nossa terra Senhora inquestionada, é verdade sobre que dúvida não cai.

Frei Francisco Brandão, continuador da *Monarquia Lusitana,* ao historiar o reinado de Dom Dinis, frisa o facto das sistemáticas e periódicas deslocações do Soberano, percorrendo as diversas provincias a administrar justiça, a inquirir dos foros e regalias, a galordoar serviços prestados. Ora eis que, da sua côrte da Fátima, se desloca tambem, por essas terras da Estremadura, até à capital do Império, a excelsa Rainha dos Portugueses. Vem firmar o senhorio, confirmar o padroado, distribuir celestiais benesses, receber preito e menagem dos vassalos fieis. As populações alvoroçam-se, as almas vibram de entusiasmo e fervor, e de facto, a "Terra de Santa Maria" adquire mais firme convicção do que é.

Ora, em maré de sugestões, perguntamos porque não há-de ir a Senhora, assim, às terras do Norte?

São viagens de domínio, não fazer a Senhora mais nossa, mas fazer Portugal mais da Senhora. E se, nisto, alguem quizer ver pieguice, nós não consentiremos seja outra coisa que não uma afirmação de vassalagem àquela que Portugal reconhece como Rainha e Padroeira.

MONACHUS

N. S. DA CONCEIÇÃO Padroeira do Reino e colocada na Porta da Esquina da Cidade d'Elvas.

N. S.ra DA CONCEIÇÃO

DOIS BOLOS PARA A CONSOADA

Com azevinho, uma vela e um laço de fita, experimenta enfeitar assim um bolo. Ficará lindo para a mesa da consoada.

Bolo de nozes

500 grs. de açucar, 150 grs. de pão ralado, 1 quilo de nozes (pesadas com a casca) e 12 ovos. Juntam-se os ovos com o açucar e batem-se como para pão de ló; depois juntam-se-lhe as nozes já passadas pela máquina e por fim o pão ralado.

Leva-se ao forno forte em lata untada com manteiga.

É recheado com ovos moles.

Bolo americano

2 chávenas de açucar, 1 de manteiga, 1 de leite, 4 de farinha, 4 ovos e 2 duas colheres das de chá de fermento inglês.

Bate-se a manteiga até ficar como nata; junta-se-lhe a farinha que já deve ter o fermento inglês, misturando a seguir o açucar que deve ser desfeito no leite. Deitam-se as gemas batidas e as claras batidas em castelo.

A seguir vai ao forno que deve estar quente.

A MISTICA DO NATAL NOS PINTORES QUINHENTISTAS

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 7)

NOSSA SENHORA DO LEITE
(de Frei Carlos do Espinheiro, no Museu de Arte Antiga de Lisboa)

Que saibamos, ainda nenhum historiador dos pintores quinhentistas disse a razão iconográfica, a causa influencial por que Vasco Fernandes pintou a belíssima Virgem-Mãe levando aos olhos o extremo da toalha, da tábua do políptico de Lamego, mandado pintar por D. João Camelo ou Madureira, para comemorar a sua conversão intima.

S. Lucas não minucia lágrimas no facto da Circuncisão do Menino Jesus. De Caulibus, ou por consideração piedosa ou por comiseração, fala das lágrimas do Menino-Deus e da Virgem-Mãe, dando motivo a Grão Vasco para a expressão de amargura pintada na magnífica tábua do bispo Madureira, que Vergilio Correia julgou retratado na personagem entre S. José e Maria Santíssima.

Podíamos ainda referir como, de outros mistérios gozosos, frei João descreve a intimidade do aleitamento do Menino Jesus e as carícias mútuas, que deram a Frei Carlos assunto para os seus quadros da infância de Cristo, como os da «Senhora do Leite», dos quais é preciosa singularidade a joia do Museu de Arte Antiga, de Lisboa. Pena grande é não estar reproduzido em quatricromia para veneração dos nossos lares à Maternidade divina da Rainha e Padroeira de Portugal.

O exposto é suficiente para provar a influência do frade menor de S. Geminiano nos pintores de Quinhentos que, em poesia e lenda, de côr e sonho, souberam relevar a espiritualidade fecunda do Evangelho que nutriu antanho a fé dos nossos Maiores e criou obras-primas de arte na pintura, na escultura, e na música de autos pastoris e vilancetes do Natal, cuja mística temos de renovar para a piedade estética servir a cultura do espírito.

A música ao longo da nossa história

NOITE DE NATAL

ERA Noite de Natal.

Uma alegre Noite de Natal para os portugueses. Havia pouco soara a hora bemdita da nossa independência. E todos, sentindo um infinito reconhecimento pelo Deus que os tinha amparado na gloriosa manhã do primeiro de Dezembro de 1640, elevavam as suas vozes em cânticos de louvor. Mas, ninguém melhor cantou essa prece musical do que as freiras dos nossos conventos e mosteiros.

Porque a música sacra vocal é um acto de fé: a oração cantada.

Por isso, nessa abençoada Noite de Natal, quando anunciaram que em Belém nascera o Menino-Deus, e a voz da celebrada religiosa do insigne e real Mosteiro de Lorvão — a quem chamavam a Fenix das Músicas deste Reino — se ouviu no seguinte e encantador *Rimance* (1), uma santa emoção fez vibrar as almas agradecidas daqueles que, devotamente ajoelhando, a escutavam.

MENINO, que desfarçado
Escondeis telas de prata
E vos cobris com palhinhas,
. . . .

A música assim compreendida é quase um apostolado porque trata de dar à piedade dos fieis a verdadeira atmosféra que anima e exalta.

MIL mercês hei-de pedir-vos,
Que quem mais pede, mais ama;
E a primeira, he bem que seja
Hum bem, que a todos alcança.

Pelas vastas naves da igreja, a sua voz eleva-se tornando mais comovente a súplica musical.

O NOSSO Rei D. João Quarto,
Mas primeiro entre os de fama,
Por ser maior, que os seus nove,
Se ela nos seus nove fala.

FAZEI, que seja no Mundo
Invictissimo Monarca,
Porque nossa antiga glória,
Fénix com ele renasça.

NO tempo do nosso Advento
Recebe a Coroa herdada
Para mostrar, que então Reina,
Quando a vós só se avassala.

E a emoção sobe ainda mais alto, enche o espaço de ricas sonoridades, ao glorificar D. João IV.

A SEUS pès vejo prostados
Esses Gigantes de Hespanha,
. . . .
. . . .

DAI-LHE, meu Deus, meu Menino,
O' dai-lhe vitórias tantas,
Quantas vejo no Presépio,
. . . .

. . . .

QUE do poder do Mundo não se [espanta,
UM Rei, que o Rei dos Reis tão fiel [ama.
. . . .

Ao fundo as luzes do Presépio brilham intensamente. E todos os fieis, curvando comovidamente as cabeças, dizem baixinho:

— Louvado seja Jesus nascido!
— Louvado seja Portugal renascido!

Maria Antonieta de Lima Cruz

---

(1) — *Romance*, que vem coleccionado nas «Poesias compostas na Universidade de Coimbra» por ocasião da aclamação e coroação de D. João IV, opúsculo publicado em Lisboa em 1645, por Lourenço de Anvers.

Menino Jesus, adormecido — Quadro de Murillo

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

Desenhos de GUIDA OTTOLINI

BOAS IDEIAS
(GULOSEIMAS DE NATAL)

No jantar de familia do dia 25, são permitidas, e apetecidas, todas as guloseimas... Sobretudo se forem feitas pelas *meninas* da casa, é claro. Conhecem as deliciosas:

BOLINHAS DE CÔCO?

Batem-se gemas de ovos com açúcar: 1 colher de sopa para cada gema. Em estando muito batidas, fazendo bôlhas, junta-se-lhe o côco ralado: a porção suficiente para que a massa fique grossa e possam tender-se, na palma da mão, bolinhas, pequenas. Embrulham-se em açúcar pilé.

•

São sempre apreciadas:

AMENDOAS ESPECIAIS

Pelam-se com água a ferver; e põem-se num taboleiro com alguma água, açúcar e canela, a torrar no forno.

•

BOLINHAS DE NOZ

100 grs. de nozes passadas na máquina; junta-se 50 grs. de açúcar, 1 clara batida, e mistura-se tudo bem. Vão ao forno, às colheradas pequenas, num taboleiro.

ALEGRIAS E TRISTEZAS

V

Com a chegada do Natal, Maria de Lourdes gozava as suas primeiras férias; e que felizes essas férias lhe pareciam!

No mais fundo do seu coração dava graças a Deus pelo rumo que a sua vida ia tomando; e o amor de que Joaquim a rodeava compensava-a largamente dos desgostos, sofridos com tanta coragem.

D. Mécia, sempre irascivel, não lhe poupava as impertinências, as observações desagradáveis e injustas... Mas a ternura do noivo parecia redobrar a cada remoque da insuportável senhora!

Na véspera do Natal Maria de Lourdes viu chegar um empregado de uma das grandes lojas da baixa.

— O que será? — perguntou ela, contente.

— Admira-me que haja ainda quem se lembre que existimos — observou a mãe.

— São presentes do Joaquim, com certeza — disse Maria de Lourdes, mandando instalar na cozinha o grande caixote que o homem trazia.

— Não tem resposta — declarara ele, fechando a porta e descendo a escada a correr.

E, ajudada pela criada, Maria de Lourdes abriu o caixote.

— Oh meu Deus! — exclamou, radiante, começando a despeja-lo... Um enorme perú, pronto para o forno, um apetitoso presunto, uma caixa de manteiga, um frasco de azeitonas recheadas e, metidas em sacos de papel, pêras lindissimas de «Angoulême»!

— Que loucura, Mãe! Venha ver, sim? — gritou Maria de Lourdes, correndo a buscar a mãe — Perú! Presunto! Peras! Manteiga! — explicou ela com entusiasmo.

— Parece que nunca viste nada disso. — respondeu D. Mécia, sem se mexer — Fraca memória a tua — concluiu com azedume.

Apesar da má disposição da mãe, aquele jantar de Natal foi, na verdade, bem alegre para os noivos! E como o pai de Joaquim era a única pessoa que conseguia desanuviar D. Mécia, reinou, durante aquelas horas, um ambiente calmo e feliz, em que os noivos, embevecidos um no outro, pareciam esquecer tudo o que não era a sua felicidade.

E ao serão, instalado Joaquim junto ao piano, emquanto o pai e D. Mécia faziam paciências, Maria de Lourdes tocou, com a alma vibrando nos seus dedos, música clássica e bela que tão bem se harmonisava com a grande festa cristã!

Quando se despediram, naquela noite de Natal, Joaquim murmurou, beijando as mãos da sua noiva:

— A minha felicidade é tão grande que excede de muito o que eu mereço, meu amor...

E Maria de Lourdes, comovida, respondeu:

— E eu tenho medo, Joaquim, que qualquer coisa venha perturba-la...

A vida tinha, agora, para Maria de Lourdes, um aspecto alegre. O seu ganho, bem administrado, junto às centenas de escudos mensais que restavam da antiga fortuna, chegava para um viver remediado e sem dividas; o seu noivado enchia-lhe a alma duma felicidade absoluta, profunda, intensa e, de dia para dia, mais apreciava o carácter leal de Joaquim, as suas qualidades de delicadeza e generosidade!

A verdadeira cruz da sua vida era a indole da mãe, sempre queixosa de tudo e de todos, rabujenta e revoltada contra os acontecimentos que tão sùbitamente lhe haviam mudado a existência.

Maria de Lourdes, porém, nunca deixava de a acarinhar; e às suas observações injustas respondia sempre com um bom sorriso, com uma paciência que, por vezes, fazia cair em si, vagamente envergonhada, a irascivel senhora.

— Coitadinha da Mãe... — pensava a filha, comovida — estava tão pouco preparada para o desabar sùbito da sua fortuna... Vivia tão despreocupada, tão longe, sempre, de todos os cuidados, com o carinho do Pai a evitar-lhe preocupações e trabalhos...

E, nestes pensamentos cheios de bondade e indulgência, Maria de Lourdes encontrava a força e a paciência para suportar o génio da mãe.

Quando estava ao pé de Joaquim, nas doces conversas ao serão, passava as melhores horas da sua vida. E chegara à conclusão lógica de que a felicidade, afinal, é feita de mil coisas minimas... Saber senti-las, saber apreciá-las, saber ver na Vida o que ela tem de belo, saber dar graças a Deus pelo muito que nos concede, tudo isso enchia a alma forte e sã de Maria de Lourdes; e na plenitudedo seu amor por Joaquim, esperando, pacientemente, que o casamento os unisse, sentia-se feliz.

Uma tarde, porém, ao chegar do seu trabalho, a creada entregou-lhe uma carta de letra desconhecida.

— Algum pedido, naturalmente — pensou Maria de Lourdes, abrindo distraidamente o sobrescrito, e seguindo pelo corredor fora, enquanto lia as primeiras linhas:

«Tenho urgência de falar a sós com V. Ex.ª — *dizia a carta* — «e peço que me receba amanhã mesmo. Irei antes da sua saida. — Maria Laura Cunha».

Este nome era, para ela, de todo desconhecido.

— Algum pedido, coitada da creatura — murmurou Maria de Lourdes.

Nessa noite não pensou mais na carta da desconhecida. Sentia-se tão feliz, tão cheia dos alegres projectos de futuro que fazia diàriamente com o seu noivo, que queria dar tambem um pouco da sua felicidade aos outros; e se o pedido não fosse exorbitante, procuraria satisfazê-lo. Essa Maria Laura Cunha receberia uma boa esmola, coitadita.

Ainda não eram nove horas da manhã quando chegou a misteriosa correspondente. Baixa, magra, sêca, sem nada na cabeça, um olhar triste, uma criancinha de dois anos pendurada na sua mão, Maria Laura Cunha entrou na saleta; e, sem mais preliminares, dirigiu-se a Maria de Lourdes, que a esperava, já:

— E' V. Ex.ª a noiva do guarda-marinha Joaquim José de Castro?

Maria de Lourdes, com esta pergunta súbita, recuou um pouco e respondeu, vagamente altiva:

— Sim, sou eu. Mas não é guarda-marinha o meu noivo; é segundo-tenente da Armada.

— Ah! não sabia — tornou a outra.

Maria de Lourdes olhou-a com sincera estranhesa e esperou que ela continuasse.

— Talvez se admire que eu venha aqui para lhe falar do seu... noivo; mas é que esse homem é para mim...

— O quê? — gritou Maria de Lourdes, não podendo dominar-se.

— Sou a sua mulher, embora só civilmente; e esta criança é sua filha.

Maria de Lourdes, pálida e comovida, não respondeu logo. Daí a momentos, disse:

— Sente-se; é melhor falar com serenidade. Há aqui, decerto, uma confusão.

— Nenhuma — tornou Maria Laura. — Há três anos, em Moçambique, perante as autoridades, casei com esse homem. Depois dum ano foi em missão particular ao interior, tendo pedido uma licença para isso, e nunca mais apareceu. Nem conheceu a filha — acrescentou com amargura. — Tive de trabalhar duramente para nos sustentarmos a mim e a ela... E disseram-me que ele morrera. Soube ontem que está vivo.

— Mas... — cortou Maria de Lourdes — como prova que não está enganada e como hei-de convencer-me que tudo isso é verdadeiro?

Maria Laura abriu um saco de coiro que trazia; e, sentando no chão a criança meio adormecida, tirou do saco um maço de papeis que entregou a Maria de Lourdes.

— Para não a obrigar a ler as certidões e tudo mais, veja simplesmente a do casamento civil. Não terá dúvidas sobre a identidade de meu marido — acrescentou com energia.

— Tudo isto é estranho... — disse Maria de Lourdes, lendo a certidão.

— Cheguei de Moçambique há uma semana apenas — continuou Maria Laura. — E sucedeu que ante-ontem, indo ao Banco Ultramarino, um dos empregados superiores, ao ler a certidão do meu casamento, pareceu impressionado; pediu-me para a ler com mais cuidado no seu gabinete...

— E...?...

— E voltou daí a instantes perguntando-me: «A senhora diz que o seu marido morreu? «E' claro que a pergunta não deixou de me sobressaltar; tratava-se de receber o pouco dinheiro que eu sabia ter lá em depósito. Foi a minha vez de perguntar:

— O senhor duvida? — Mas o tal empregado, com um ar amável e delicado parecia ter mudado de feitio; e respondeu-me, entregando o dinheiro: «O seu marido não morreu. Se a senhora quer saber onde ele está, vá a casa da Sr.ª D. Maria de Lourdes de Pimentel e Almeida; é a sua noiva! A morada dela aqui a tem». — Como pode calcular, o meu coração estalava... E tratei logo de vir aqui avisá-la; já vê que não procedi mal.

Maria de Lourdes sentia-se, pela primeira vez na sua vida, esvair... E, receiando desmaiar deante daquela estranha, vitima, como ela, dos acontecimentos, pediu-lhe, baixinho, num murmúrio:

— Vá-se embora, peço-lhe. Mais tarde falaremos outra vez.

Fechou os olhos, encostou a cabeça à cadeira e ali se deixou ficar, inerte, sem força para se mexer...

Quando tornou a abrir os olhos, estava sòsinha. E, como um autómato, preparou tudo como fazia todos os dias e saiu para o escritório.

(Continua)

CONVERSAS

— Hoje tenho *eu* que contar, ao almoço. — declarou Júlia, que pouco ou nada falava.

— Mais vale tarde que nunca — respondeu Berta.

— Mas como sabes tu qual é o assunto que o Pai escolheu? — perguntou Alexandra.

— Encontrei o teu Paisinho ontem á tarde — tornou Júlia — e embora eu saiba que é proibido conhecer-se de antemão o assunto, atrevi-me a perguntar...

— E o Pai disse-te?! — exclamou Angélica, admirada.

— Disse uma palavra só... e bem eloquente para todas nós, visto que estamos em Dezembro: Natal!

— Realmente de que falariamos nós com maior interêsse nas vésperas da maior festa cristã?

— Natal! Natal! — repetiram muitas, em tom alegre.

— Mas que dirás tu do Natal, Júlia, que todas nós não saibamos já? — murmurou Alexandra.

E seguiram para a casa de jantar, onde as grossas achas de lenha crepitavam, alegres, e a temperatura se mantinha quente como os corações de todas...

— O que nos vais tu dizer sobre o Natal, Júlia? Como todos somos bons cristãos, o Natal é para nós a festa por excelência .. — disse o dr. Meneses Pinto.

— Para mim a parte que eu mais gosto é a que se refere aos pobres: a alegria de lhes dar uma boa consoada, um bom abafo, um lindo Presépio... — observou Maria do Carmo com simplicidade.

— Eu confesso o meu egoismo — declarou Berta — mas o que muito me interessa... é o que vou encontrar na chaminé dentro do meu rico sapato, naquela noite bendita!

— Oh Berta, não tens vergonha?!

— Nenhuma, Xandra!

— Pois eu quero contar-lhes o que foi, para umas dezenas de portugueses, vogando em mares africanos, o Natal... de 1497!!

— Como actualidade... bates o «record».

— Deve ser muito interessante, Julinha — animou o dr. Menezes.

— Julie foi sempre *estudiosa* — observou Mademoiselle Sixe.

— Seguiam pelo Atlântico abaixo as tres naus de Vasco da Gama — começou Júlia.

— Eram tres, bem sabemos, mas ainda havia a dos mantimentos! S. Gabriel, S. Rafael e Berrio — disse Angélica.

— Tinham saido de Lisboa em 8 de Julho, do sitio onde depois se construiu a Torre de Belem; e, descendo pela costa africana, só em Novembro é que chegaram a uma enseada a que chamaram de Santa Helena.

— Quem lhes diria então a dolorosa celebridade que o nome dessa terra viria a ter...

— Como — meteu Maria do Rosário — o mar era ali menos bravo, lá se demoraram uma dezena de dias comunicando com os pretos, miseráveis e inofensivos, que lá viviam.

— Não eram cafres esses indigenas? — perguntou Angélica a Julia.

— Tal qual: e não eram maus. Lá partiram as naus, depois desses dias, apanhando logo tormentas terriveis! E quando chegou o dia de Nossa Senhora da Conceição ainda não estavam muito longe do Cabo da Boa Esperança que tinham dobrado a 22 de Novembro! Nada disto admira, visto que iam agora por mares desconhecidos em absoluto, e viajando à vela, com toda a prudência célebre de Vasco da Gama.

— Mas onde lêste tu tudo isto?! — perguntou Berta.

— Num dos livros estupendos do meu irmão Nuno, que tem a mania da História e lê as Crónicas antigas.

— Continua, Júlia, porque até agora nada disso se relaciona com o Natal — disse Rosário.

— Arribaram a um ponto da costa a que chamaram São Braz; e no dia de N.ª S.ª da Conceição vieram de S. Braz, avançando para o norte. Mas a tempestade que os apanhou tornou-se tão medonha que esses homens, em luta com o oceano, navegando ao sabor das ondas e da ventania, julgaram ficar ali sepultados todos no mar furioso...

— Quantos não desejariam voltar para trás, como fizeram com o Bartolomeu Dias — observou uma.

— Nem isso seria fácil, com certeza. — continuou Júlia — E chegara a madrugada de 25 de Dezembro de 1497: o dia de Natal!

Muitos desses homens, apesar de fortes e corajosos, recordavam decerto, talvez com lágrimas de saudade, a Pátria longinqua, o lar onde mulheres e crianças rezavam e festejavam a vinda de Jesus ao mundo...

Eis, porem, que naquela abençoada segunda feira a tormenta parece abrandar pouco a pouco: aclara a manhã, dissipam-se as nuvens negras, levanta-se a névoa trágica que os envolvia como um véu fúnebre! E, de repente, os homens vêem desenhar-se, nitidamente, no horizonte à sua esquerda, uma longa costa!

Um deles (talvez o próprio Vasco da Gama??) grita com alegria comovida:

Terra de Natal!

E logo todos, como a festejar o grande dia cristão, exclamam, com lágrimas de alegria:

Terra de Natal!

E foi esse o nome que, para sempre, ficou naquela costa africana.

— Bravo, Ju: a tua conversa foi colossal! — disse Berta.

— Afinal foi quase um monólogo — concluiu Júlia a rir.

As rosas têm a sua origem ligada à lenda de Venus.

«Quando Venus, saindo do seio do mar,
Sorriu aos deuses encantados com a sua presença,
Um novo dia iluminou o Universo:
E neste momento nasceu a rosa!»

(PARNY)

Muitos poetas têm cantado a rainha das flores, tomando-a até, com frequência, como tema filosófico ou moral dos seus versos.

São conhecidos os célebres versos de Malherbe, referindo-se a uma rapariga que a morte levou jovem (versos que não traduzo para lhes não tirar a beleza):

«Elle était de ce monde, ou les plus belles choses
On le pire destin:
Et rose elle a vécu ce que vivent les roses
L'espace dun matin»

Aimé-Martin, um outro antigo poeta francês, dá-nos esta lição de moral, servindo-se da rosa:

«Para conservar o esplendor da aurora,
O botão esconde-se sob a folha;
Enquanto a rosa, descobrindo o seio,
Empalidece e se desfolha.
Assim desaparece a frescura
Dos encantos que se expõem sem recato:
Tirar o véu ao pudor,
Não é desfolhar a Rosa?»

No século VI, o prémio da virtude, concedido às mulheres em França, consistia numa coroa de rosas que o Bispo colocava sobre a fronte pura da mulher que mais se distinguira pelas suas virtudes. No século XII, o Papa instituiu também a *Rosa de oiro*, que ainda hoje oferece às rainhas e princesas a quem deseja prestar homenagem.